

O que cantam os republicanos? Discursos e fantasias de masculinidades nos hinos de repúblicas estudantis em Ouro Preto (MG)^{1*}

Yuri Alexandre Estevão-Rezende²

Resumo: Durante a pesquisa de mestrado, observei que a constituição de masculinidades em repúblicas estudantis de Ouro Preto (MG) perfaz não apenas as relações cotidianas entre moradores, mas elementos discursivos, materiais e ritualísticos que operam, de modos distintos, para produzir essas moradias como generificadas, isto é, “femininas e masculinas”. Neste trabalho, concentro minha análise nos hinos de nove repúblicas, para responder à seguinte questão: de que forma os hinos descrevem padrões de masculinidade? Hinos são letras/versos musicados entoados pelos estudantes em momentos rituais, como as festas, que tendem a marcar a presença tanto dos membros, quanto das repúblicas nessas situações. Argumento, assim, que estes cânticos reforçam uma fantasia de masculinidade que se aproxima a certo modelo hegemônico, especialmente na ode à virilidade, na forma sexista de descrição das mulheres, na naturalização de práticas sexuais heteronormativas, na reiteração de que tais residências são “casa de homem. Homem macho, sim, senhor!”.

Palavras-chave: Antropologia do gênero e sexualidade; masculinidades; gênero; repúblicas estudantis.

^{1*} Este artigo é um desdobramento da dissertação de mestrado intitulada “Fazendo repúblicas, fazendo masculinidades: gênero, sexualidades e micropolítica das emoções em moradias estudantis,” defendida em 2022 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação do Prof. Dr. Leandro de Oliveira e com o apoio da CAPES. Agradeço a Maria Alice Magalhães e Leonardo Francisco Azevedo pelos comentários, críticas e incentivo à publicação deste texto. Também sou grato aos pareceristas, cujas observações foram essenciais para o aprimoramento deste trabalho.

² Doutorando e mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, com bolsa da CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa em Gênero e Sexualidades (Gesex/UFGM). E-mail: yurirezende14@hotmail.com

As repúblicas federais de Ouro Preto surgiram devido a necessidade de moradia dos primeiros estudantes universitários da Escola de Minas e da Escola de Farmácia na década de 1920 (Dequech, 1984). Tal fato iniciou-se a partir da ocupação de casas abandonadas no centro histórico da cidade, as quais foram posteriormente institucionalizadas pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Atualmente, este modelo de residência estudantil conta com 59 casas e totaliza 794 vagas, sendo que, destas, 42 são repúblicas masculinas, 16 femininas e uma mista (UFOP, 2021). Elas são geridas pelos próprios moradores e cada uma possui regimento interno próprio, de maneira que são os próprios residentes os responsáveis pela seleção de estudantes que solicitam acesso, por meio de um ritual denominado *batalha*³. Tem-se que a formação destas casas é intrínseca à própria constituição da universidade, porém, a partir do modelo de autogestão adotado desde seu início, hoje elas se constituem como associações à parte da UFOP, apesar do vínculo formal com a instituição de ensino. As casas foram cedidas e institucionalizadas pela Universidade e a isso se deve o nome repúblicas federais. Desta forma, embora as despesas com energia, água, internet etc., sejam de responsabilidade dos moradores, estes não possuem gastos com aluguel. Nesse modelo, os jovens ainda são responsáveis pela gestão do patrimônio e pela manutenção física das residências. Existem, ainda, as repúblicas particulares, ou seja, sem vínculo com a instituição.

³ Meus interlocutores da pesquisa de mestrado, de modos distintos, descreveram a batalha como um período de teste, um momento em que o bixo é testado para ver se de fato pode ascender ao nível de morador. Se ele, portanto, merece se tornar um Nobre (nome dado ao morador da Castelo dos Nobres), Pirata (moradores da Nau Sem Rumo), Texano (moradores da república Território Xavante) etc. A batalha, nas repúblicas, consiste em um período que varia de três a nove meses. Não obstante, as regras do período de batalha são instituídas por cada república, mas, em todos os casos, trata-se de um período de “teste” para que os outros membros possam deliberar a permanência ou não da/o caloura/o na moradia, com base em sua trajetória nesta etapa. Uma série de atividades pode ser designada para os bixos durante a batalha: atividades domésticas (como o cuidado com a casa); trabalhos braçais ou de esforço físico na organização das festas, tais como “bater caixa” (encher os *freezers* de cerveja), servir bebidas nas festas, limpar a casa após esses eventos; preparar o café; além, é claro, de socializar com o contexto republicano de modo geral. A intensidade ou a existência dessas atividades dependem de caso a caso (de cada casa).

Ademais, durante pesquisa de mestrado, observei que a constituição de masculinidades em repúblicas estudantis de Ouro Preto (MG) perfaz não apenas as relações sociais cotidianas entre moradores, mas também elementos discursivos, materiais e ritualísticos que operam, de modos distintos, para produzir essas moradias como generificadas, isto é, “femininas e masculinas” (Estevão-Rezende, 2022). Especificamente neste trabalho, concentro minha análise nos *hinos* de nove repúblicas, para responder à seguinte questão: de que forma os *hinos* descrevem e reforçam padrões de masculinidade? *Hinos* são cânticos produzidos pelos próprios moradores das casas e entoados em momentos rituais, como as festas, que tendem a marcar a presença tanto dos membros, quanto das repúblicas em si em tais eventos.

A partir da análise dos *hinos/rezas* dessas repúblicas, o objetivo deste trabalho é apreender como tais produções textuais/musicais constroem uma narrativa de masculinidade hegemônica, especialmente na forma como as relações entre homens e mulheres são evocadas nessas canções. Com isso, pretendo, a nível de contribuição teórica somar a obras, que a através de campos e reflexões distintas, buscaram dar atenção aos conteúdos discursivos de canções, mitos, cordéis e outras expressões literárias/culturais, para então, pensar modelos de masculinidades, ou seja, de “ser homem”, presentes nessas fontes textuais (cf. Albuquerque Júnior, 1999; Trotta, 2013, Leal, 2019; França, 2020). Assim, este artigo, em específico, pode ser produtor para uma discussão atenta aos discursos sobre masculinidades que podemos observar em produções sociais e culturais das mais diversas modalidades, tais como os *hinos* (músicas), produzidos por e para homens que informam sobre ideais de “ser homem”. Modelos estes que circulam tanto em contextos particulares de interação social, caso das repúblicas estudantis, quanto em cenários mais amplos.

Este artigo, foi dividido em três partes: inicialmente, apresento os caminhos teóricos-metodológicos seguidos na construção deste trabalho. Em um segundo momento, faço uma breve síntese do contexto das repúblicas estudantis em Ouro Preto. E por fim, discorro sobre os *hinos* como discursos que acionam fantasias de

masculinidades e que podem informar sobre relações de gênero no cenário social em questão.

Algumas considerações teórico-metodológicas

Minha pesquisa de mestrado foi construída através de uma perspectiva parcial, nos termos propostos por Donna Haraway (1995). Como homem gay, cisgênero e branco, meu contato inicial com as repúblicas estudantis e seus membros em Ouro Preto, durante a graduação na UFOP em 2013, foi marcado por uma espécie de exclusão baseada em percepções de feminilidade e masculinidade. Na época, fui considerado "feminino demais" ou "pouco masculino" por alguns estudantes para pleitear uma vaga nessas casas como *bixo*⁴. No entanto, a escrita posicionada que orientou a dissertação, assim como este artigo, justifica-se também pela ausência de discussões sobre gênero e sexualidade nas pesquisas anteriores que abordaram aspectos das sociabilidades em repúblicas estudantis de Ouro Preto (cf. Malta, 2010; Machado, 2014; Fonseca, 2016). Coube-me, portanto, como um 'viado afeminado pesquisador', conduzir uma análise a partir da minha diferença, refletindo sobre categorias que atravessam e marcam minha trajetória de vida, tanto neste campo como além dele.

Entre 2020 e 2022, ao focar na construção das masculinidades dentro dessas casas, concluí que, além das relações sociais, outros elementos, como os *rocks*⁵, a *batalha*, a *hierarquia*⁶ e *hinos*, também participavam do processo de definição do

⁴ Bixo é o termo usado para se referir ao calouro que está batalhando em determinada república, durante tal período, ele não é chamado pelo seu nome de batismo, mas pela referida denominação. Geralmente, nas plaquinhas dos bichos/bixos, a palavra é grafada com "x", por isso, neste trabalho, utilizo a forma "bixo", não se trata, portanto, de um erro de ortografia.

⁵ No léxico das repúblicas de Ouro Preto, a palavra "rock" é equivalente a "festa". Por exemplo, "rock de formatura" refere-se à festa de formatura de um estudante.

⁶ O sistema republicano funda uma micro-hierarquia que diz respeito à organização social, a qual denominam de hierarquia naquele contexto. Este é um elemento central que constrói a especificidade das repúblicas estudantis em Ouro Preto e orienta, por consequência, as formas de sociabilidades ali. Cada morador ocupa, assim, um lugar social dentro das repúblicas, dispostos da seguinte maneira: bixo, aquele que está em período de batalha, portanto, não é um morador e ocupa a posição social inferior, deve

"morador idealizado" e, conseqüentemente, do que significava ser homem para esses estudantes. No decorrer da pesquisa mobilizei uma variedade de fontes, que foram desde a minha experiência de convívio como *outsider* nesses locais por mais de dez anos, livros como fontes documentais, o contexto de interação entre esses jovens nas mídias sociais, entrevistas com moradores e ex-moradores de repúblicas, entre outros.

Minha atenção aos *hinos* das repúblicas surgiu nesse contexto de vivência e interação social. Frequentando esses espaços, especialmente em ocasiões festivas, comecei a observar como os *hinos* de algumas repúblicas masculinas descreviam certo modelo ideal de masculinidade. Assim, na constituição da pesquisa de mestrado, ao focar parte da análise nos *hinos* e *rezas* dessas moradias estudantis, fui profundamente inspirado pelo trabalho de Ondina Fachel Leal (2019). Em sua obra, ao discutir a constituição social do "gaúcho" como um personagem central no cenário sociocultural da região sul do Brasil, além de extenso trabalho de campo, a antropóloga utilizou também poesias e causos regionais/populares que forneciam uma série de referências sobre como aqueles homens se viam e se descreviam a partir dessas narrativas. O contexto de produção de tais obras e cânticos relacionava-se, portanto, com as dinâmicas sociais locais e os elementos que, através delas, conferiam sentido e moldavam o modelo de masculinidade presente no estereótipo do homem gaúcho dos Pampas. Nas palavras de Leal, "a metáfora em versos aponta para a luta do gaúcho para manter seus valores, sua identidade, sua dignidade" (Leal, 2019, p. 36) e se conformam

satisfação e obediência aos demais moradores; semi-bixo, recém-escolhido na casa, ou seja, tornou-se morador há pouco tempo, e é o responsável imediato pelo bixo, no sentido de lhe dar tarefas e fiscalizar seu processo de batalha; em seguida, a hierarquia se divide entre os moradores e tem relação estrita com o período de escolha na república, nesse sentido, designa-se o lugar social naquela ordem a partir do maior tempo de escolha; e o decano, morador mais antigo da casa, é o que ocupa a posição mais elevada nesse esquema, a ele cabem tarefas de maior responsabilidade (sobretudo que envolvem questões financeiras), bem como alguns privilégios, como ter um quarto só para si (geralmente os estudantes dividem quarto nas repúblicas). Todos lhe devem respeito e obediência, mas ele pode ser questionado quando os demais moradores, em conjunto, decidem que alguma ação de sua parte passou dos limites, o que é incomum, já que a hierarquia é um dos elementos mais respeitados e resguardados nas repúblicas estudantis ouropretanas. Por fim, no topo da hierarquia, temos os ex-alunos. A eles, todos devem respeito e consideração.

como um tipo de narrativa que são “relatos sociais exemplares dos gaúchos a respeito de si mesmos e sua própria cultura” (Leal, 2019, p. 18). Seguindo uma abordagem teórico-metodológica similar à de Leal, argumento que os *hinos* e *rezas* das repúblicas estudantis, abordados neste texto, informam sobre fantasias de masculinidades comuns a tal contexto social e seus atores – sem perder de vista a relação e circulação desses modelos idealizados descritos em tais cânticos a quadros sociais mais amplos.

Não obstante, é relevante descrever, ainda que brevemente, o contexto e os procedimentos pelos quais os *hinos* analisados neste artigo foram coletados. O livro de Machado (2014), apesar da minha crítica pela falta de atenção a questões fundamentais que constituem as sociabilidades das repúblicas estudantis em Ouro Preto, foi utilizado como uma fonte documental e histórica relevante ao longo da pesquisa de mestrado. Serviu, assim, como um arquivo importante para a coleta de dados, contendo diversos materiais como fotos, depoimentos, entre outros, e especialmente seis dos nove *hinos* aqui examinados, a saber, os *hinos* das repúblicas Azul, Amarela, Branca, Cinza, Marrom e Verde.

Os *hinos* e *rezas* das outras três repúblicas apresentadas neste trabalho foram coletados de maneiras distintas. A *reza* da República Rosa, por exemplo, chegou até mim por intermédio de uma amiga e *ex-aluna* de uma república feminina. Durante uma conversa em que mencionei meu interesse em analisar *hinos* de repúblicas para minha dissertação, ela recitou a letra dessa *reza* e, posteriormente, enviou-me uma versão escrita. Ao explorar a página do *Facebook* dessa república, pude verificar a autenticidade da letra, pois, em uma das fotos do álbum, parte da *reza* aparece fixada em um *freezer* na casa. Já o hino da República Vinho, escutei ser cantado por seus moradores em um *rock* de aniversário de outra república, momento em que a letra recitada pelos estudantes chamou minha atenção. Como naquela ocasião não consegui ouvir claramente todos os versos, recorri a um interlocutor, que conhecia a letra por ter proximidade com os moradores dessa casa. Não obstante, este hino, especificamente, também estava disponível no site da república até 2021, quando comparei e revisei com

a versão repassada pelo meu interlocutor. No entanto, o endereço não está mais acessível atualmente para consulta. Por fim, a *reza* da República Ouro foi informada por outro interlocutor de pesquisa que batalhou durante dois meses nessa residência estudantil e também pode ser conferida no artigo de Bomfim (2013).

Por fim, optei por alterar os nomes das repúblicas e substituí-los por cores nos títulos dos *hinos*, assim como ajustar as referências aos estudantes que moram nessas residências, a fim de evitar discussões éticas ou implicações pessoais, uma vez que ainda resido em Ouro Preto e mantenho contato com tais interlocutores. Considero que essa decisão não compromete a análise proposta, que busca refletir sobre como as letras desses cânticos reforçam padrões de masculinidade no contexto republicano.

Uma breve contextualização sobre as repúblicas estudantis de Ouro Preto (MG)

Ao caminhar pelas ruas e ladeiras de Ouro Preto, é comum notar casas com placas sobre as portas indicando seus nomes - algo que frequentemente intriga turistas e visitantes. “É um bar?” perguntou-me uma senhora certa vez. As repúblicas se espalham geograficamente na cidade, ainda que predominantemente em bairros do centro histórico (Rosário, Antônio Dias, Centro, Barra, Pillar) e no bairro Bauxita onde está localizado o campus Morro do Cruzeiro (principal campus da UFOP)⁷.

Morar em Ouro Preto sendo estudante parece estar ligado, direta ou indiretamente, ao contexto republicano. Ou como afirma Kleber Pinto (fundador e ex-aluno da república Formigueiro,) no depoimento presente no livro de Machado (2014, p. 09) “em Ouro Preto não é importante saber em que ano você se formou, mas

⁷ Há uma certa predominância de repúblicas federais na região central, em relação a repúblicas particulares. Estas últimas, são mais numerosas no bairro Bauxita. Como os antigos prédios da Escola de Minas e Escola de Farmácia foram construídos no Centro Histórico, enquanto o Campus Morro do Cruzeiro foi construído apenas em 1994, isto pode sugerir a localização espacial das repúblicas estudantis pela cidade.

em que República você morou”. Isso está situado no seio de um contexto específico de interação social, ou seja, trata-se de uma narrativa que informa sobre experiências no interior das relações entre estudantes universitários, na qual a república parece assumir centralidade nas redes de sociabilidades. Assim, saber se uma pessoa é ou não de uma república (e em qual república mora/morou) a situa socialmente na cidade e no contexto estudantil, tanto no meio republicano quanto fora dele.

Podemos, então, presumir um contexto republicano em que se nota: 1) a conformação de um vocabulário próprio (França, 2008); 2) a (re)produção de territorialidades e de relações entre estudantes e moradores de Ouro Preto que (re)organizam a cidade (Malta, 2010); 3) a produção de festas e rituais específicos (Fonseca, 2016; Bomfim, 2013); 4) e, por fim, como apontam Bahia, Garcia e Bomfim (2017), a constituição de um “sistema republicano”. Tal sistema, que também pode ser entendido como “tradição republicana”, nos termos de Machado (2014), é construído e constrói as sociabilidades dentro destas casas.

Na literatura antropológica sobre casa, a etnografia de Marcelin (1999), no Recôncavo Baiano, precisamente, nos bairros populares de Cachoeira (BA), traz uma discussão que considero interessante para se pensar o contexto das repúblicas. No seu campo, o antropólogo apreende como a casa codifica uma série de redes de sociabilidades relacionais (que podem ser caracterizadas em termos de família e parentesco). A centralidade delas naquele campo não se constitui como um elemento desconectado ou singular, neste sentido – mas como uma esfera relacional entre a casa e outras casas, naquilo que denomina de “configurações de casas”.

Esta configuração sugere o alargamento do conceito de parentesco ligado exclusivamente ao elo sanguíneo. As formas associativas entre as pessoas em termos de consideração também comparecem e permitem a Marcelin (1999) compreender o parentesco por meio das práticas cotidianas daquele cenário sociocultural, onde a configuração de casas parece preponderante neste aspecto. Afinal, o “agente começa por construir seu universo a partir dos próximos, quer dizer, daqueles que fazem parte do

“nós” (a casa e a configuração de casas)” (Marcelin, 1999, p. 40). Desse modo, a “constituição do parentesco e da família através das redes de relações concretizadas nas casas e nas configurações de casas justifica-se pelo fato de os próprios agentes a utilizarem...” (Marcelin, 1999, p. 42).

Outro trecho interessante no depoimento de Kebler Pinto merece ser destacado: “As repúblicas sempre se constituíram como uma família mais verdadeira que a consanguínea. Isto porque cada um escolhe seu “irmão”. Não há o grupo familiar imposto e muitas vezes detestável. E se o escolhido não é o ideal você o substitui” (Machado, 2014, p. 08). O que tal relato revela pode ser aproximado às considerações de Marcelin (1999), na medida em que as repúblicas constituem famílias, ou seja, “o termo família pode ser equivalente ao de casa” (Marcelin, 1999, p. 42). Não obstante, não se trata de uma república isolada, mas de configurações de repúblicas que alargam os vínculos associativos, o *irmão de batalha*⁸ não é apenas aquele que vive na mesma residência do *bixo*, mas os demais *bixos* que estão no processo de *batalha* em outras repúblicas. Há a construção de uma rede de sociabilidades/conexões em torno das casas e, portanto, no contexto estudantil ouropretano.

Cabe sublinhar que os idiomas de parentesco acionados no cenário republicano podem ser interpretados à luz do conceito *relatedness* (conectividades) proposto por Janet Carsten (2000) para alargar e complexificar o campo do parentesco em Antropologia. Ou seja, os vínculos associativos que constroem a família republicana ocorrem por meio da afinidade, da *batalha*, da consideração, da tradição, da afetividade, da *hierarquia* — são constituídos no seio das práticas cotidianas das casas, ou seja, seu significado não é dado por um contexto anterior ou biológico, mas produzido e relacional. Afinal, é uma família que se escolhe por afinidade, não é imposta pela consanguinidade. Não se trata de um sinônimo genérico de um termo consanguíneo, ou melhor, *irmãos de batalha* não são a mesma coisa que irmãos de “sangue”.

⁸ Irmão de batalha é o termo usado para se referir aos bixos que iniciam o período de batalha no mesmo semestre dentro da república e nas demais repúblicas (consideradas amigas).

McCallum e Bustamante (2012), na esteira da etnografia de Marcelin (1999), investigam as configurações de casas de um bairro popular em Salvador (BA), a fim de pensar as formas associativas em torno do parentesco, bem como do processo de individuação nestes espaços. Além de reiterar as proposições da obra do autor supracitado, as antropólogas evidenciam como as casas também são locais de relações sociais de constituição de gênero e, por conseguinte, podem ser “generizadas” (McCallum; Bustamante, 2012, p. 230). Ou seja, se repúblicas são femininas ou masculinas, elas são imbuídas de gênero, tão logo estas casas podem ser importantes para se entender/discutir os processos de “generização dos homens” (McCallum; Bustamante, 2012, p. 243), que neste trabalho proponho delinear como construção de masculinidades. Assim, o que pretendo sinalizar é que, ao falar das repúblicas estudantis em Ouro Preto enquanto casas, estou interessado nos “múltiplos entrelaçamentos que elas iluminam (entre vidas e relações que são encendidas em meio a casas) e os contextos sociais e políticos, historicamente modelados, em que elas estão situadas” (Carsten, 2018, p. 104, tradução nossa⁹). Neste sentido, na perspectiva de Carsten (2018), as casas (no caso específico, as repúblicas) podem desvelar aspectos importantes das vidas das pessoas (os estudantes) de modo relacional.

Ademais, as repúblicas em Ouro Preto incorporaram um modelo próximo das repúblicas estudantis de Coimbra, em Portugal. Machado (2003) destaca que a relação entre os alunos da Escola de Minas e da Universidade de Coimbra, bem como seu contexto estudantil, gerou um intercâmbio sociocultural – o que culminaria na incorporação do modelo de *autogestão*. Em seu livro, Machado (2014) ressalta a visita de jovens da universidade portuguesa à cidade de Ouro Preto em 1960, o que poderia confirmar tal hipótese sobre aproximação entre estes dois contextos. Sayegh (2009), argumenta também que o fato de que historicamente estudantes da elite brasileira se

⁹ No original: “multiple entanglements that houses illuminate between the lives and relations that are enacted within them and the historically-inflected social and political contexts in which they are situated”.

formaram, de maneira significativa, em universidades portuguesas, com destaque a de Coimbra, pode ter influenciado este intercâmbio. Isso se verifica na constituição de elementos comuns entre as repúblicas estudantis da cidade mineira e da portuguesa, tais como os “(...) trotes, festas tradicionais, hierarquia interna de funcionamento e a tradição do ex-aluno, além de outros aspectos como a moradia estudantil em casas consideradas patrimônios culturais” (Sayegh, 2009, p. 113). Elísio Estanque, sociólogo português, analisou durante sua trajetória acadêmica a conformação do ativismo estudantil português, precisamente dos estudantes da Universidade de Coimbra, com enfoque no interior das repúblicas estudantis. Portanto, podemos notar semelhanças entre as moradias estudantis da cidade mineira e portuguesa ao analisar seus trabalhos, sobretudo naquilo que tange ao modo de gestão das casas – afinal, mesmo que vinculadas à instituição superior, eram autônomas, ou seja, autogeridas pelos moradores (Estanque, 2008) – além dos processos de rituais: rito de passagem (similar à *batalha*) e outras formas de *trotes* (Estanque, 2017).

Ainda que haja semelhanças que sugerem esse modelo comum de moradia estudantil intercambiado entre Coimbra e Ouro Preto, vale destacar que há uma série de outros elementos que conformam a especificidade das repúblicas estudantis na cidade mineira, seja pelo contexto histórico, sociocultural, regional, dentre outros (Machado, 2003; Sayegh, 2009). A seguir, neste trabalho, busco analisar como os *hinos* compõem este cenário e informam sobre a constituição de masculinidades nas repúblicas.

“(...) casa de homem. Homem macho, sim, senhor!!”: o que cantam e rezam os republicanos?

Discursos, são instituídos, assim como os objetos e os sujeitos, a partir de relações de poder, conforme nos elucida Foucault (2013). Portanto, escapam ao campo meramente linguístico e se inserem em nosso cotidiano em contornos que produzem, além de representações, efeitos e acontecimentos. Desta maneira, os *hinos* e as *rezas*

caracterizam e são efeitos de uma (re)produção histórica e situada dos espaços das repúblicas: revelam as sociabilidades que os constituíram. As casas de “homens machos, sim, senhor!” são marcadas, então, por gênero, sexualidade e masculinidade¹⁰.

Os *hinos*, como parte do contexto republicano, são criações ritmadas/musicais que fazem referências às repúblicas, tais como hinos de clubes de futebol. Boa parte destas produções são originais, produzidas no interior das repúblicas pelos seus moradores, mas há também *hinos* criados a partir do ritmo de músicas populares, com nova letra (uma espécie de paródia), e aqueles em que de fato se trata de canções ou poesias conhecidas no cenário brasileiro e são apropriados como *hinos* destas casas. São exemplos destes últimos casos, conforme Bomfim (2013, p. 172) “Vou-me embora pra Pasárgada”, poema de Manuel Bandeira (1924) musicado por Paulo Diniz (1973), *hino* da República Pasárgada; “Doce, doce, amor” (1971), de Jerry Adriani, *hino* da Doce Mistura; “Funcionária da calçada” (1982), de Brenno Silva, *hino* da Quarto Crescente (QC);” dentre outros. Diferentemente dos *hinos*, temos as *rezas*, estas são compostas por frases curtas rimadas que não necessariamente possuem um ritmo musical e são declamados como versos, podem ser composições populares propagadas em rodeios ou outras ocasiões festivas e (re)apropriadas pelas repúblicas. Não obstante, foram marcados ao longo dos anos como elementos que fazem referências às repúblicas (Bomfim, 2013). A seguir, contudo, vou ater-me apenas a *hinos* que são produções originais e a *rezas* que atualmente são características de determinada casa no contexto republicano – por entender que de modo mais explícito eles nos fornecem uma compreensão interessante das sociabilidades nesses espaços, principalmente, naquilo que tange à construção do ideal de homem/masculinidade ou de uma fantasia, nos termos de Moore (2000), de masculinidade.

¹⁰ Na minha dissertação de mestrado, abordei como a construção das masculinidades nas repúblicas estudantis de Ouro Preto (MG) também é influenciada por outros marcadores sociais da diferença, como raça e classe.

Antes, cabe salientar também que ambos são entoados em momentos festivos: um morador “puxa” o *hino/reza*, todos os membros da casa erguem seus copos (com bebida) e juntos cantam o hino; os demais participantes do *rock* seguem o rito gestual (mesmo que não conheçam o hino, estendem os braços para cima); a intenção dos primeiros é de marcar a presença da república naquele *rock*; enquanto os segundos reconhecem aquela presença e saúdam a casa. Em muitos casos, além de ser uma obrigação saber a letra do hino da moradia em que *batalha*, o *bixo* precisa ainda aprender o hino de repúblicas amigas daquela em que ele reside. Afinal, segundo meu interlocutor Alan, “...aprendemos os hinos na batalha. Lá em casa, se errar o hino em alguma festa, é obrigado a beber um lavrado. Ah! E também a gente aprende o hino de repúblicas amigas, tipo pra saudar elas, entende? É que são nossos amigos”. O relato de Alan demonstra, por conseguinte, a centralidade atual dos *hinos* nos espaços das repúblicas, ou seja, mesmo que estes cânticos sejam formulados em contextos históricos anteriores, eles fazem parte das sociabilidades atuais.

Foto 01 – Hino de uma república entoado em rock de formatura.



Fonte: Autor, 2023.

Desse modo, a ritualização do hino durante os *rocks* e dentro das casas garante a sua permanência enquanto elemento importante do contexto republicano. Nos termos de Bomfim (2013), os *hinos* e *rezas* junto a outros elementos como brasões, bandeiras, camisas, etc., contribuem na formulação de uma espécie de identidade da república e de seus respectivos moradores; gera, por consequência, pertencimento a essas residências estudantis.

Vamos então ao hino que o trecho dá nome a este subtítulo:

Hino da República Azul
Quando me deram o diploma
E a sessão terminou
Quando o baile acabou
Eu, então, tive que ir embora
Carregando a minha dor
Hoje eu trago um abraço pra ti, República Azul
República Azul, casa de homem (bis)
Homem macho, sim, senhor
Eta, eta, República Azul meu amor (bis)
Eta, Escolinha, que tanto me machucou
Eta, Ouro Preto, terra boa, sim, senhor
Eta, República Azul, que saudades me deixou
Hoje eu trago um abraço para ti, República Azul
Que me deu Engenheiros bambas (bis)
Muito bambas, sim, senhor
Eta, eta, República Azul meu amor!!

O hino da República Azul traz, em sua letra, uma exaltação à própria casa – a partir de uma espécie de ode à saudade da vida naquele espaço. Mas o que o torna relativamente interessante é a maneira com a qual se constrói e demarca aquela residência como uma casa de homem, não apenas um homem comum, mas um “homem macho”. Ser um morador da República Azul, aparentemente, é estar marcado por gênero, porém, em um sentido específico: não basta a categoria usual “homem” ser evocada, a macheza também é necessária para realçar o caráter másculo dos moradores daquele local, ou seja, a categoria “animalesca” macho é acionada para reiterar uma masculinidade vista como verdadeira/natural. Em muitos contextos, no Brasil, a ideia

desta afirmação pode ainda remeter a uma performance de masculinidade vinculada à sexualidade (Albuquerque Júnior, 1999; Trotta, 2013). Na medida em que dizer que, além de homem, é homem macho, ou homem com H maiúsculo, por exemplo, sinaliza uma separação em relação a outros homens, tidos como femininos ou homossexuais. Ou melhor, que em determinados contextos sociais não performam gênero da maneira esperada/desejada. O *hino*, de certo modo, deixa implícito o tipo de *morador* que viveu/vive na República Azul, ou pelo menos aquele *morador* que se constrói no imaginário dos que ali residiam/residem. Este cântico, no entanto, se distingue de outros – poderia afirmar que, da maioria dos *hinos* das repúblicas masculinas – em dois aspectos: primeiro, naquilo que tange à exaltação da bebida alcoólica no ambiente republicano; segundo e mais importante neste trabalho, por não conter em sua letra formas específicas de representação das mulheres, como podemos notar no *hino* da República Amarela, a seguir:

Hino da República Amarela
República Amarela é uma casinha pequenina
Lá na rua dos paulistas
Onde moram os bicudinhos bonitinhos
Taradinhos por turistas.
República Amarela, República Amarela!
Nossa vida em você é primavera! (Bis)
República Amarela também tem seus dias belos
Com champanhe e gente bem
Frequêntada pela alta sociedade
Mas as putinhas vão também!
República Amarela, República Amarela!
Nossa vida em você é primavera! (Bis)

O *hino* da República Amarela expressa a maneira pela qual os membros da república se representam (bonitinhos), além de uma breve descrição sobre a casa e sua localização. No entanto, os trechos também revelam as formas como as mulheres são retratadas, principalmente, dentro de uma distinção que as separa em uma espécie de classe. Assim, constrói-se a oposição entre “gente de bem” e “as putinhas”. A casa,

portanto, é frequentada em “dias belos” pela alta sociedade (a gente de bem), mas também por mulheres classificadas como *putinhas* no cântico. O *hino* destaca ainda que seus *moradores* são “taradinhos por turistas”, o que parece desvelar o modo como os homens da República Amarela concebem as relações com mulheres a partir de uma concepção sexual, seja ao afirmar o desejo por visitantes mulheres de Ouro Preto e/ou pelo meio estereotipado/machista com que se referem às demais mulheres que frequentam a residência.

É interessante observar que a masculinidade hegemônica, nos termos de Connell e Messerschmidt (2013), é marcada pelo sexismo: as mulheres são objetificadas e sexualizadas – ao menos é esse tipo de modelo ideal masculino que se propõe como hegemônico, aquele que subordina e subjuga as mulheres, tanto social quanto sexualmente. Em todos os *hinos* a seguir, nota-se o caráter sexista com que mulheres são descritas, seja por meio das práticas sexuais pretendidas/vividas entre *moradores* e ou pelos estereótipos/palavras usadas para descrevê-las. Caso do *hino* da República Branca:

Hino da República Branca
Tempo vai, Tempo vem
Cerveja e Mulher Pelada...
Nunca Mataram Ninguém...
Tempo vai, Tempo vem
Quem planta muita mandioca...
Acaba colhendo neném...
Tempo vai, Tempo vem
Vejo uma luz no fim do Túnel...
Tomara que não seja o Trem...
Tempo vai, Tempo vem
Quem pega uma mulhé feia...
Nunca conta pra ninguém...
Tempo vai, Tempo vem
Na sexta eu encho a cara...
E no sábado eu encho também...
Tempo vai, Tempo vem
Muita Cachaça aumenta a imaginação...
Mas “lá embaixo” diminui a pressão...
Tempo vai, Tempo vem
Todo “Bixo” é burro que nem jumento...

Por isso precisa de muito “vento” ...
Tempo vai, Tempo vem
O “12” em Ouro Preto...
Pra todos, faz muito bem...
Tempo vai, Tempo vem
O tempo não pára...
E nós também...

Ora, aparentemente, podemos apreender que, de maneira implícita, o cântico insinua que se relacionar com mulheres tidas como feias evoca vergonha. É preciso manter, portanto, em segredo esse tipo de relação, como sugerem os republicanos ao entoarem o hino da República Branca. O canto também descreve performances sexuais/afetivas esperadas por parte dos seus *moradores*: é desejável que os homens da casa bebam e mantenham relações sexuais com mulheres, mas são alertados de que tais condutas podem gerar prole. Cabe realçar que tais práticas descritas se conformam como heterossexuais, há uma norma de sexualidade esperada que, ao menos no *hino* da república, é a heterossexualidade. Podemos notar que este padrão se mantém nos demais *hinos*, o que pode indicar certa heteronormatividade explícita nas relações que estes evocam ou descrevem:

Reza da República Rosa
Porta de botequim,
casa de rapariga.
No tempo que eu fumava, bebia e fodia,
meu dinheiro rendia.
Hoje não bebo, não fumo, não fodo e meu dinheiro foi-se todo.
Periquito mata jandaia, jandaia mata periquito.
O bicho que mata o homem, mora debaixo da saia,
tem uma testa cabeluda e um rabo de arraia,
uma pinguela no meio, onde a madeira trabalha.
Aceita República Rosa é leite!

Na *reza* da República Rosa são utilizadas metáforas para retratar um órgão genital, neste caso, a vagina e, também, a madeira como representação que faz referência ao pênis. Explícita a relação sexual entre um homem e uma mulher, a partir de uma ação sexual em si: a penetração pênis-vagina. Neste sentido, o *hino* serve para

demarcar uma prática sexual hétero. O homem da República Rosa é, assim, aquele que se interessa pelo “bicho que mora debaixo da saia”. Considero que parte do argumento de Melanie Gourarier (2012) em sua etnografia com um grupo de homens que buscavam aprender a “arte da sedução” na França, pode ser mobilizada aqui. Afinal, como pontua tal antropóloga, a demonstração ou busca por virilidade é, antes de tudo, uma maneira de os homens obterem o reconhecimento de uma pretensa masculinidade almejada entre seus pares. Dessa forma, essa reza – assim como os outros *hinos* e *rezas* analisados neste artigo – parece conter uma espécie de reafirmação coletiva da virilidade dos membros do grupo, reforçando a imagem de si mesmos como conquistadores e, portanto, como 'verdadeiros homens'.

O *hino* da República Vinho parece ir além, pois a descrição sugere uma forma de abuso/violência ao se relacionar com mulheres:

Hino da República Vinho

Há muitos anos atrás, num momento feliz da criação...
Escolhi um buraco para morar, cravado no meio de um rincão
Feliz eu caço no submundo, aquilo que me dá satisfação
Mulher que diz sim, eu levo em meus braços...
...as que dizem não, arrasto pelo chão!
República Vinho, República Vinho, é minha casa, o meu lar, minha paixão!
República Vinho, República Vinho, é minha vida cravada nesse rincão!
Há muitos anos atrás, num momento feliz da criação...
Eu percebi que tinha Ouro em minha casa, Ouro Preto cravado no coração
Feliz eu fico no submundo, bebendo todas nesse mundo de ilusão!
República Vinho, República Vinho, é minha casa, o meu lar, minha paixão!
República Vinho, República Vinho, é minha vida cravada nesse rincão!

O *hino* faz referência, como podemos notar, a um lugar pré-histórico em que moravam os “homens das cavernas”. Este tipo de figura masculina é construído no imaginário social como bruto, rústico e, por vezes, dotado de desejos vorazes. Frequentemente, a mídia, seja por meio de desenhos animados ou filmes, propaga a imagem da mulher sendo puxada pelos cabelos e arrastada para a caverna por esses homens – uma representação que sugere uma prática cultural daquele período, em que o

uso da força para fins sexuais seria supostamente comum. O cântico da república faz uma espécie de metáfora com essa imagética, mas, a partir de um contexto contemporâneo, retoma a conotação sexual e o caráter de uma masculinidade que busca dominar e subjugar as mulheres. No entanto, a alusão ao uso da força na relação sexual não se limita ao hino da República Vinho, como apresento a seguir:

Reza da República Ouro
Morena, “num” sei se devo,
“num” sei se posso,
Te levar pra cama e
estremecer seus “zósso”
Te fazer um “fi” e dizer que é nosso

Mais uma vez, pode-se observar a maneira como a mulher é descrita em uma situação passiva em relação ao homem: aquele portanto que é ativo e dominante. É o homem aquele que pode ser violento no sexo e, inclusive, engravidar a “morena”. Tanto a *reza* da República Ouro, quanto o *hino* da República Vinho reforçam este tipo de performance de gênero: recria a noção de opressor/vítima ou o que domina e aquele que é dominado. Trata-se, podemos compreender, da reiteração de uma relação de poder que se inscreve na vida cotidiana brasileira: o machismo, expresso nestes casos a partir dos cantos aqui analisados. Neste ponto, considero que a noção de um sistema universal de dominação masculina foi ou precisa ser superada, como nos mostraram inúmeros estudos nos campos dos estudos de gênero e sexualidades.

Precisamente por reiterar noções essencialistas de ser homem e mulher, em que se pesem, desconsideram outras variáveis importantes como raça, classe, contexto geopolítico etc., nas discussões/teorizações. É, assim, necessário, conforme Connell e Messerschmidt (2013) dissociar a masculinidade hegemônica de um tipo de realidade cultural dada – na qual a dominação masculina seria presente e extensiva a todas as relações sociais nos mais diversos contextos sócio-históricos, independentemente dos

grupos humanos. Isso não significa, no entanto, fechar os olhos para os sistemas que têm produzido desigualdades, naquilo que tange ao gênero, por exemplo.

Neste sentido, a masculinidade hegemônica refere-se a um conjunto de práticas socialmente formuladas que delineiam um modelo ideal de homem – predominantemente um homem branco, cisgênero e heterossexual do Ocidente. É importante salientar que esse arquétipo idealizado é contextual e relacional, ou seja, é construído a partir das interações entre homens e mulheres. Assim, adquire contornos distintos e pode coexistir com outras formas de masculinidade, dependendo do contexto específico. Etnografias como a de Vale de Almeida (1995) e Gutmann (2006), por exemplo, demonstram as nuances e os limites deste tipo de masculinidade, seja em Pardais (Portugal) ou no México. Desse modo, neste subtítulo, ao apreender como no cenário republicano, por meio dos seus *hinos*, as mulheres são sexualizadas, notamos que “masculinidades são configurações da prática que são construídas, reveladas e transformadas ao longo do tempo” (Connell e Messerschmidt, 2013, p. 271). Com isso, não pretendo reiterar a dominação masculina como inerente a todo contexto social/cultural ou sequer questionar a agência das pessoas em seus mais variados aspectos, mas evidenciar a forma como mulheres são descritas nestes *hinos/rezas* e, por conseguinte, a relação que se estabelece com certo modelo de masculinidade hegemônica difundido em países como o Brasil.

Não obstante, pensar nestes *hinos/rezas* como discursos nos permite compreender como eles conformam uma espécie de fantasia de masculinidade. Henrietta Moore (2000), esmiuça a maneira que os gêneros e as sexualidades são constitutivos, ao mesmo tempo que constituem discursos em nossas sociedades ocidentais. Seja na seara científica, sociocultural ou biológica, as formas discursivas operam na construção de modos/concepções do que é ser homem ou mulher, logo, na produção social de masculinidades/feminilidades. Esses discursos situados nos mais variados campos da vida cotidiana formam fantasias ideais de homem/mulher e, por consequência, implicam em efeitos que se inscrevem nos corpos e nas relações sociais,

no modo como nos relacionamos e performarmos gêneros/sexualidades. Os *hinos* das repúblicas, ao evocar uma discursiva da conformação de homem republicano, aproximada de um modelo de masculinidade hegemônica cria, portanto, uma fantasia de masculinidade, do que é ser um republicano e informa sobre as interações sociais almeçadas entre homens e mulheres neste contexto social.

Adiante, há outros *hinos* em que as mulheres também são retratadas como pessoas a quem os estudantes devem conquistar, vejamos os trechos selecionados a seguir:

Hino da República Cinza
Na boate do Chicão
Tem muíe e pastelão
Tem cerveja, tem cachaça
Tem camofa prá desgraça
E as mulheres lá de praça

Hino da República Marrom
Quem mora na República Marrom
bota pra quebrar
A moçada bebe
para as mulheres encantar

Hino da República Verde
Nós somos efígeanos vibradores
Orgulhamos da ‘mueizadas’ do Brasil
Somos somos coçadores vibradores

Tais *hinos* demonstram mais uma vez a noção heterocentrada de relacionamento afetivo-sexual. Os homens, quando retratados, são sempre aqueles que devem conquistar/seduzir as mulheres, ou são desenhados no sentido fraternal dos vínculos de amizades que se formam nas repúblicas e são exaltados nos *hinos/rezas* aqui abordados. Assim, a “sedução da mulher serve como um instrumento de medição da masculinidade” (Gourarier, 2012, p. 4, tradução nossa¹¹) e o homem sedutor é, portanto, o homem ideal, no nosso caso especificamente o republicano idealizado. Convém

¹¹ No original: “(...) the seduction of women serves as an instrument to measure masculinity”.

destacar ainda o termo *camofa* evidente no *hino* da república Cinza: trata-se de uma categoria comum no léxico republicano que serve para classificar aquelas mulheres que se relacionam sexual e afetivamente com muitos parceiros no contexto republicano (França, 2008). De maneira que é possível constatar o modo como as mulheres são descritas a partir de categorias que enfatizam o caráter sexual/afetivo em suas vidas, seja como “putinhas” ou “camofas”, em contrapartida o homem não é tachado por meio deste viés conotativo em tais cânticos.

Por fim, o que busquei fazer aqui é discutir como os *hinos/rezas* imprimem a maneira como republicanos descrevem a si próprios e aos outros. Mais precisamente, as mulheres com as quais se relacionam e, por conseguinte, como tais produções podem dar pistas da construção narrativa de um arquétipo de masculinidade que se relaciona ao que compreendo nos termos de uma masculinidade hegemônica, reelaborada por Connell e Messerschmidt (2013). Mas, se este artigo nos permite reiterar a centralidade e atualidade dos *hinos/rezas* no contexto republicano, conforme argumentei anteriormente, o limite desta análise consiste em apreender os efeitos e a recepção dos *hinos/rezas* nas vivências dos estudantes, bem como a agência de mulheres em relação a isto.

Considerações finais

Neste trabalho, explorei como os *hinos* e *rezas* das nove repúblicas estudantis analisadas articulam e reiteram padrões de masculinidade hegemônica, focando em categorias como virilidade, heterossexualidade e dominação. Com isso, tentei trazer para o campo dos estudos de gênero e sexualidade, particularmente na área de masculinidades, a perspectiva de que expressões culturais, como músicas, podem ser fontes valiosas para a análise dos discursos e fantasias de masculinidade. Essas expressões socioculturais são indicativas das relações sociais e das dinâmicas de gênero, tanto em contextos micro, quanto macro sociais. Embora a utilização de produções

socioculturais como materiais de análise não seja uma inovação teórica, este artigo pretende contribuir para uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas de gênero e sexualidade no específico contexto das repúblicas estudantis de Ouro Preto (MG), um aspecto ainda não suficientemente abordado por outras pesquisas.

Nesse sentido, seguindo a premissa de que na vida social as pessoas tendem a "construir a si mesmos e suas práticas sociais a partir de um conjunto concorrente de discursos sobre o que significa ser mulher ou homem" (Moore, 2000, p. 25), os *hinos* e *rezas* funcionam como uma janela privilegiada para a compreensão dos modelos idealizados de masculinidade entre os membros das repúblicas estudantis de Ouro Preto (MG). Este artigo pretende também oferecer uma contribuição para a reflexão sobre como os homens se engajam na constituição de suas identidades a partir desses discursos de gênero, e como essas produções discursivas servem como fantasias de como desejam ser percebidos e reconhecidos por seus pares.

Mas, afinal, o que cantam então os republicanos? Eles proclamam que são irmãos e que suas casas são "casas de homem. Homem macho, sim, senhor!"; celebram sua habilidade como sedutores, sua prontidão para a sedução e o sexo com mulheres; afirmam sua virilidade e atividade sexual; e, ao cantar, descrevem de maneira sexista as mulheres com quem convivem, referindo-se a elas como "camofas", "putinhas" ou "muiézadas". Ao cantar, talvez expressem o que foram, o que são ou o que desejam ser, mas o fato é que continuam a cantar. Tais cânticos ainda servem como mecanismo de identificação dos membros e das respectivas republicas nos espaços de interação social desse cenário em questão. Argumento, assim, que os *hinos* e *rezas* analisados enquanto discursos, reforçam a construção de um modelo de masculinidade que se aproxima de um arquétipo hegemônico. Através dessa análise, considero que essas expressões discursivas constituem fantasias de masculinidades que circulam e produzem efeitos nos vínculos e nas relações entre os residentes desses espaços.

No entanto, a análise apresentada possui limitações que devem ser reconhecidas e que podem ser exploradas em futuras pesquisas. Primeiramente, poderia ser

interessante incluir as perspectivas das mulheres que participam desse contexto para entender como elas são interpeladas por esses *hinos* e *rezas* e como, enquanto ex-alunas e moradoras de repúblicas, elas também criam e entoam os *hinos* de suas próprias casas, (re)produzindo ou tensionando ideais de feminilidade. Além disso, ouvir os moradores dessas repúblicas pode proporcionar uma compreensão mais nuançada de como interpretam o que cantam e como constroem suas identidades masculinas. Ainda é importante enfatizar que meu objetivo não é sugerir que todas as repúblicas masculinas em Ouro Preto (MG) reproduzem um modelo uniforme de masculinidade hegemônica. A construção de masculinidades é heterogênea, contextual e relacional; mesmo dentro de um quadro social mais restrito, coexistem diversos modos e discursos de "ser homem". Por fim, é crucial lembrar que, ante os discursos de gênero mais rígidos ou binários, sempre há resistências e outras discursividades operando, que configuram e desafiam as noções estabelecidas de masculinidade e feminilidade.

Referências

- BAHIA, Alexandre; GARCIA, Luiz Carlos; BOMFIM, Rainer. Sistema de repúblicas federais e a institucionalização do preconceito na cidade de Ouro Preto. In: **II Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero**, 2017.
- BOMFIM, Leonardo C. A ritualização nas Repúblicas Federais de Ouro Preto - MG: dos hinos às 'rezas de cachaça' e suas implicações. In: **9º Encontro Internacional de Música e Mídia - 'O Gosto da Música'**, 2013, São Paulo.
- CARSTEN, Janet. House-lives as ethnography/biography. **Social Anthropology**, v. 26, n. 1, p. 103-116, 2018.
- CARSTEN, Janet. Introduction: cultures of relatedness. In: **Culture of relatedness: new approaches to the study of kinship**. Cambridge University Press, 2000.
- CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241 -282, 2013.
- DE ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. "Quem é frouxo não se mete": violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. **Projeto História: Revista do Programa de estudos pós-graduados de História**, v. 19, 1999.
- DEQUECH, David. **Isto dantes em Ouro Preto**. Belo Horizonte: Minas Gráfica, 1984.

- ESTANQUE, Elísio. A práxis do trote: breve etnografia histórica dos rituais estudantis de Coimbra. **Sociologia & Antropologia**, v. 7, p. 429-458, 2017.
- ESTANQUE, Elísio. Jovens, estudantes e ‘repúblicas’: culturas estudantis e crise do associativismo em Coimbra. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 81, p. 9-41, 2008.
- ESTEVÃO-REZENDE, Yuri A. **Fazendo repúblicas, fazendo masculinidades: gênero, sexualidades e micropolítica das emoções em moradias estudantis**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), p. 133, 2022.
- FONSECA, Juliano de Carvalho. **Juventudes: uma leitura sobre a interação entre estudantes universitários em Ouro Preto/MG**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault; tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- FRANÇA, Adriana Altíssimo. **O léxico da comunidade de Ouro Preto-MG: da (im)possibilidade de reflexos do contato linguístico**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
- FRANÇA, Matheus. “Sofrimento é mato, coração em pedaços”: performatividades e masculinidades na música sertaneja. **Revista de@ ntropologia da UFSCar**, v. 12, p. 1, 2020.
- GOURARIER, Melanie. Seducing Women to Assess Each Other: Male Hierarchies within the Seduction Community. **InMedia. The French Journal of Media Studies**, n. 2, 2012.
- GUTMANN, Matthew C. **The meanings of macho: Being a man in Mexico City**. Univ of California Press, 2006.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.
- LEAL, Ondina Fachel. Os gaúchos: cultura e identidade masculina no Pampa. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, v. 7, n. 1, p. 16, 2019.
- LEAL, Ondina Fachel. **The Gauchos: Male Culture and Identity in the Pampas**. 1989. Dissertation (PhD in Anthropology) - Department of Anthropology, University of California, Berkeley CA, 1989.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.
- MACHADO, Otávio Luiz. As Repúblicas Estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 66, p. 197-199, 2003.
- MACHADO, Otávio Luiz. Anexos: hinos e poesias das repúblicas de Ouro Preto. In: **Repúblicas estudantis de Ouro Preto e Mariana: percursos e perspectivas**. Editora Prospectiva, 2014. Disponível em: <<http://republicasdaufop.blogspot.com/2008/09/livro-dasrepublicas-parte-3-hinos-e.html>>. Acesso em 07 de set. 2020.

- MACHADO, Otávio Luiz. **Repúblicas estudantis de Ouro Preto e Mariana:** percursos e perspectivas. Editora Prospectiva, 2014.
- MALTA, Eder. **Identities e práticas culturais juvenis:** as repúblicas estudantis de Ouro Preto. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Sergipe, 2010.
- MARCELIN, Louis Herns. "A linguagem da casa entre os negros do Recôncavo Baiano", **Mana**, 5 (2): 31-60, 1999.
- MCCALLUM, Cecilia; BUSTAMANTE, Vania. Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia. **Etnográfica**. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, v. 16, n. 2), p. 221-246, 2012.
- MOORE, Henrietta L. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. **cadernos pagu**, n. 14, p. 13-44, 2000.
- SAYEGH, Liliane. **Dinâmica urbana em Ouro Preto:** Conflitos decorrentes de sua patrimonialização e de sua 178 consolidação como cidade universitária. 2009. 241f. Dissertação (Mestrado) em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia – UFBA.
- TROTTA, Felipe. Som de cabra macho: sonoridade, nordestinidade e masculinidades no forró. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 9, n. 26, p. 151-172, 2013.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Moradia estudantil de gestão compartilhada. In: **Pró-reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis**, 2021. Disponível em <https://prace.ufop.br/assistencia-estudantil/moradia-estudantil/modalidade-de-gestao-compartilhada>. Acesso em: 03 de fev. de 2022.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de si:** uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

What do the fraternity members sing? Discourses and fantasies of masculinity in the anthems of student fraternities in Ouro Preto (MG)

Abstract: During my master's research, I observed that the construction of masculinities in student fraternities in Ouro Preto (MG) encompasses not only the everyday relationships among residents but also discursive, material, and ritualistic elements that operate in various ways to produce these residences as gendered, that is, "feminine and masculine." In this study, I focus on the anthems of nine fraternities to address the following question: how do the anthems describe patterns of masculinity? Anthems are lyrics set to music performed by students during ritualistic moments, such as parties, which tend to highlight the presence of both the members and the fraternities in these situations. I argue that these songs reinforce a fantasy of masculinity that aligns

with a certain hegemonic model, especially in the ode to virility, the sexist portrayal of women, the normalization of heteronormative sexual practices, and the reiteration that such residences are "men's houses. Real men, indeed!"

Keywords: Gender and sexuality anthropology; masculinities; gender; student fraternities.

Recebido: 10/05/2024

Aceito: 24/08/2024